

Pesquisa do MEC revela: Brasil tem o pior ensino da América

JOSÉ PAULO TUPYNAMBÁ

BRÁSILIA — Pesquisa do Ministério da Educação constatou que o país desperdiça, com evasão e repetência, 57,1% das matrículas no Primeiro Grau. De cada 100 alunos que ingressam na primeira série, apenas 33 se formarão na oitava, na pior taxa de aproveitamento de ensino na América Latina, superior no mundo apenas às de Bangladesh, na Ásia, e Guiné Bissau, na África.

Obtida pelo GLOBO com exclusividade, a pesquisa mostra que os alunos que logram concluir o Primeiro Grau levam em média 9,6 anos para fazê-lo. Além disso, seu nível de aprendizado é baixo. Exames aplicados em alunos da sétima série indicam que menos de 1% assimila 80% dos conteúdos básicos de matemática e ciências. Em português, a taxa é de 6,5%.

Se a qualidade do ensino é ruim, a quantidade de matriculados é boa. Praticamente alcançamos a universalização do ensino de Primeiro Grau, com 88,5% dos jovens entre 7 e 14 anos (24,8 milhões) cursando alguma das oito séries em 1993. Independentemente da faixa etária, 31 milhões de matrículas.

A média nacional de 33% de aproveitamento do ensino, por si só já muito baixa, desaba nas regiões menos desenvolvidas. No Norte e no Nordeste, cai para 16%. A média nacional é compensada por 51% na região Sudeste e 43% na Sul.

— Também é grande o desperdício com professores e instalações — constata a professora Maria Helena Guimarães de Castro, diretora do Instituto Na-

cional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), responsável pela pesquisa do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

O trabalho constatou o óbvio: quanto maior o tempo que o professor dedica à sala de aula, mais o aluno aprende. “O grau do desenvolvimento dos conteúdos curriculares pelos professores está associado a maiores médias dos alunos”, afirma a pesquisa. Um dos maiores desperdícios é a utilização do tempo pedagógico em atividades que não o ensino, como intervalos longos para a merenda.

Outro desperdício é provocado pelos critérios equivocados na escolha dos professores que participam de cursos de reciclagem ou de especialização. O costume é indicar professores de melhor nível, que muitas vezes não necessitam tanto de reciclagem. A pesquisa mostrou que quando profissionais menos preparados são convocados para os cursos, eles se sentem tão estimulados que acabam melhorando de forma notável seu desempenho, o que aumenta o nível de aprendizado de seus alunos. O nível estudantil também melhora quando o professor é concursado e quando há livro didático à disposição dos alunos. As crianças que trabalharam com livro didático (63,3%) tiveram um rendimento 2% superior às demais.

A pesquisa não se deteve no efeito dos salários dos professores sobre o aprendizado dos alunos, mas Maria Helena Castro não vê relação direta entre os dois fatos. Ela lembra que Campinas pagava o dobro do salário do que o estado de São Paulo, mas tinha índice de repetência de 21%, contra 18% do estado.